

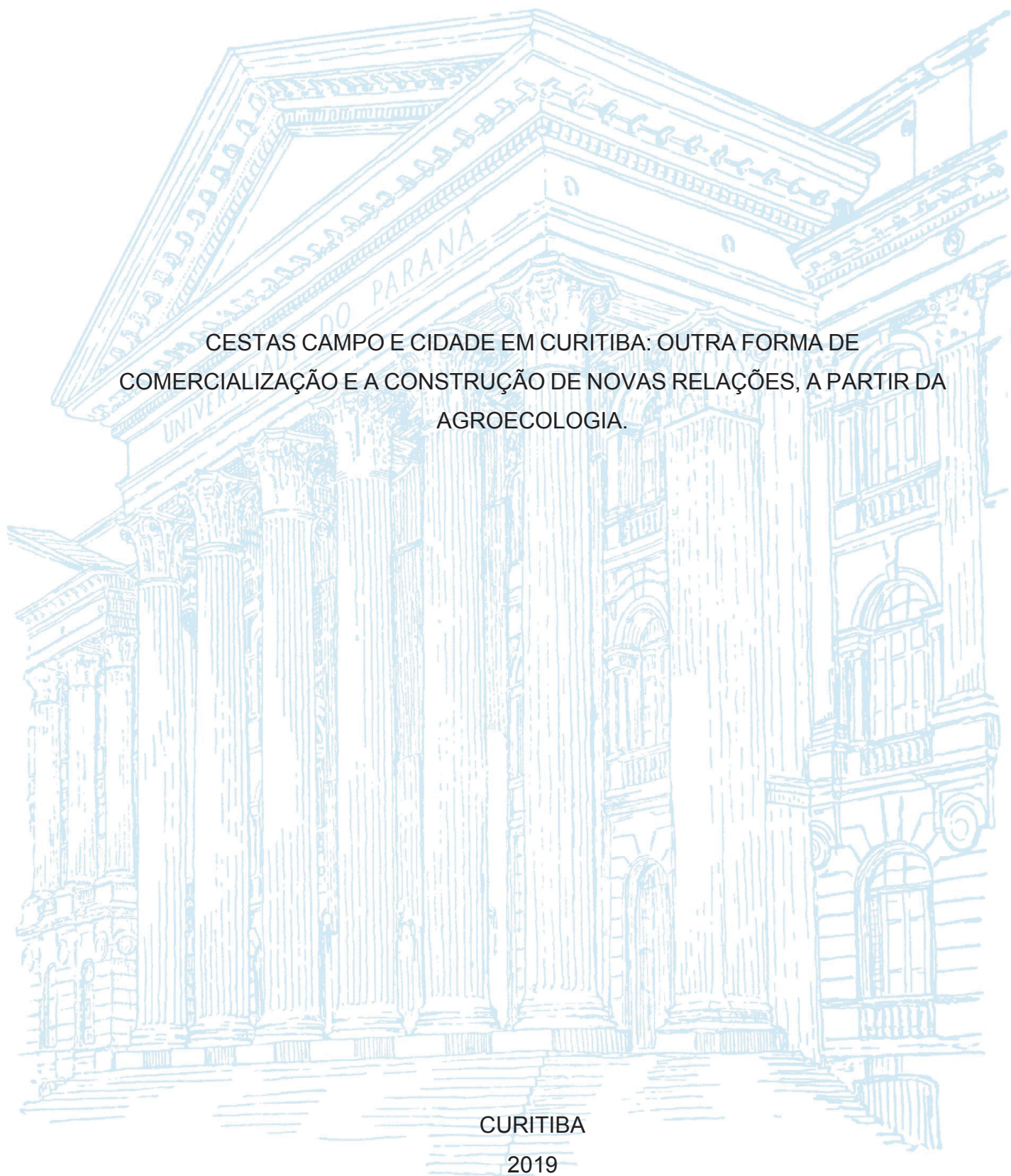
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CRISTIANO CZYCZA

CESTAS CAMPO E CIDADE EM CURITIBA: OUTRA FORMA DE
COMERCIALIZAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE NOVAS RELAÇÕES, A PARTIR DA
AGROECOLOGIA.

CURITIBA

2019



CRISTIANO CZYCZA

CESTAS CAMPO E CIDADE EM CURITIBA: OUTRA FORMA DE
COMERCIALIZAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE NOVAS RELAÇÕES, A PARTIR DA
AGROECOLOGIA.

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à conclusão do
curso de Educação do Campo e Realidade
Brasileira a partir de seus Pensadores na
disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso,
Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná
Orientador: Prof. Dr. Lourival de M. Fidelis.

CURITIBA

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO DO CAMPO E A
REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS
PENSADORES - 40001016329E1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO DO CAMPO E A REALIDADE BRASILEIRA A PARTIR DE SEUS PENSADORES da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Monografia de Especialização de **CRISTIANO CZYCZA** intitulada: **Cestas Campo e Cidade em Curitiba: Outra Forma de Comercialização e a Construção de novas Relações a partir da Agroecologia.**, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa. A outorga do título de especialista está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Matinhos, 12 de Outubro de 2019.

LOURIVAL DE MORAES FIDELIS

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

ROBERTO GONÇALVES BARBOSA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

SILVANA CÁSSIA HOELLER

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Cestas campo e cidade em Curitiba: outra forma de comercialização e a construção de novas relações, a partir da agroecologia.

Cristiano Czycza

RESUMO

Este artigo tem por finalidade fazer uma pesquisa a partir de um relato de experiência do autor na construção da comercialização de Cesta denominada “Cestas Campo e Cidade” organizada no município de Curitiba/PR. Essa pesquisa se propõe a analisar esta experiência e sua possível contribuição para a construção de novas relações campo e cidade a partir da comercialização das cestas. Para tanto, a abordagem da pesquisa está relacionada aos temas movimentos sociais e agroecologia, temas estes abordados no curso de especialização para qual esse artigo foi construído como requisito de trabalho de conclusão. Aborda-se também tem abordagem no tema economia solidária, tema que se relaciona com os outros dois apresentados. O artigo servirá como finalidade, para contribuir nos processos de análises sobre essas novas formas de comercialização, de economia e de relações, baseadas na perspectiva de um projeto de sociedade defendido pelos movimentos sociais.

Palavras-chave: Agroecologia 1. Campo e Cidade 2. Economia Solidária 3. Movimentos sociais 4. Segurança e Soberania Alimentar 5.

RESUMEN

Este artículo tiene como finalidad, realizar una investigación partiendo de una experiencia práctica denominada “Canastas Campo y Ciudad”, organizada en el municipio de Curitiba – PR. Esta investigación tiene como propuesta, analizar las posibilidades de contribuciones para la construcción de las nuevas relaciones entre campo y ciudad a partir de la comercialización de las canastas. Para esto, el enfoque de la pesquisa está relacionado a los movimientos sociales, la agroecología y a los temas estudiados en el curso de especialización; por lo tanto, este artículo fue construido como requisito de trabajo de conclusión. También, tiene enfoques en la “Economía Solidaria”, este, va relacionada a los temas anteriores. El artículo deberá servir como procedimientos de análisis de las nuevas formas de comercialización, de la economía solidaria y las nuevas relaciones fundamentadas en un proyecto de sociedad, desde el punto de vista de los movimientos sociales.

Palabras Claves: Agroecología 1. Campo y Ciudad 2. Economía Solidaria 3. Movimientos Sociales 4. Seguridad y Soberanía Alimentaria 5.

1 INTRODUÇÃO

O autor desse artigo é membro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST desde muito pequeno quando sua família entrou para o movimento em 1988. É assentado no assentamento Santa Maria, localizado no município de Paranacity/PR, sócio da cooperativa COPAVI no mesmo assentamento. Fez graduação em Administração pelo programa PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, fruto das lutas dos movimentos sociais do campo pelo acesso à educação. Atualmente trabalha no setor de produção estadual do MST/PR, no qual dentre outras tarefas, uma delas é construir processos de comercialização para os produtos da Reforma Agrária em Curitiba. Por esse histórico de vida e trabalho que exerce atualmente, o tema de pesquisa desse artigo surge como uma demanda individual, mas principalmente coletiva, para contribuir com reflexões para todos/as militantes e pesquisadores/as do MST, demais movimentos sociais e profissionais/pesquisadores/as a respeito do tema.

A construção desse artigo é realizada com base no relato de experiência do próprio autor, sendo parte integrante da equipe de organização e gestão da experiência das cestas. Além disso, anotações de caderno das reuniões semanais de equipe, que acontecem toda quarta-feira com objetivo de avaliar e planejar as atividades das cestas. Nestas reuniões não são redigidas as atas, apenas relatos e as próprias anotações.

Há tempos, muito se debate nos movimentos sociais do campo e da cidade, a necessidade de estreitar as relações entre ambos os espaços, na perspectiva do fortalecimento destas organizações, mas também, como estratégia de diálogo e construção de ensaios de novas formas organizativas econômica e social para a sociedade como um todo. Este debate é econômico, do ponto de vista da justiça, e Social do ponto de vista de construção de territórios, de novas relações humanas e com a natureza.

Compreendendo essa perspectiva, duas questões têm tido papéis muito importantes para relação campo e cidade defendida por estes movimentos sociais: a Agroecologia e a Economia Solidária.

A agroecologia na perspectiva de uma nova matriz tecnológica para a agricultura, com construção de relações com a natureza diferente do modelo

dominante na agricultura atualmente, como parte disso, a produção de alimentos saudáveis tanto para o auto sustento de quem produz, como para alimentar a sociedade.

A economia solidária na perspectiva de formas de comercialização serve a relações econômicas mais justas, solidárias e cooperadas entre quem produz e quem consome, mas também como estratégia de inserção de todos/as na economia... Isso tudo como parte de construção de um novo projeto de sociedade que entendendo suas particularidades e realidades diferentes vê que o campo e a cidade não devem ser algo separado, mas sim territórios que devem se aproximar

A partir desse entendimento, dessa necessidade de construção, já existem várias experiências espalhadas por todo o Brasil, tais como organização de associações, cooperativas de economia solidária, cursos, feiras e tantas formas de articulações e organizações que se propõem a esta construção. Uma destas experiências que têm surgido em vários locais é a organização de vendas de cestas agroecológicas que advém da agricultura familiar, da reforma agrária e da economia solidária no contexto urbano. O relato de experiência deste artigo é da “Cesta Campo e Cidade” em Curitiba, organizada pela CCA – Cooperativa Central de Reforma Agrária do Paraná. Uma experiência já de 3 anos, em constante evolução e que tem contribuído com importantes reflexões a respeito da construção de novas formas de comercialização e de novas relações.

Este trabalho tem por **objetivo geral** analisar a experiência “Cesta Campo e Cidade” em Curitiba e compreender se de fato, esse tipo de experiência se constitui como uma nova forma de comercialização de acordo com os princípios da economia solidária. Além disso, como **objetivos específicos**: Relatar o surgimento e organização/funcionamento da experiência da Cesta Campo e Cidade; analisar se este tipo de experiências contribui para construção de novas relações, entre quem produz, comercializa e os consumidores das cestas;

Os elementos aqui levantados seguem uma **metodologia** que teve como base, percepções e relatos de experiência própria do autor, por ser membro da equipe de organização das cestas, anotações de reuniões da equipe em diálogo com referências bibliográficas de autores a respeito dos temas agroecologia, economia solidária e movimentos sociais.

2 AGROECOLOGIA E ECONOMIA SOLIDÁRIA

A primeira questão fundamental e base para a construção da experiência de caso pesquisada neste trabalho é a Agroecologia. A Agroecologia para os movimentos sociais da Via Campesina, entre eles o MST, tem como uma das características construir um novo modo de vida¹, e ao mesmo tempo ser um enfrentamento ao modelo dominante na agricultura da atualidade.

Modelo este denominado Agronegócio, que nas últimas décadas têm sido controlado e organizado pelo domínio do capital financeiro e suas empresas transnacionais, baseado fortemente no monocultivo e uso intensivo de agrotóxicos. Conforme cartilha do MST:

Essa forma dominante do capital em todo mundo trouxe mudanças estruturais também na forma de dominar a produção das mercadorias agrícolas. Surgiu uma aliança de classe, entre a burguesia das empresas transnacionais, os banqueiros (o capital financeiro)...e os grandes proprietários de terras... Na organização da produção das mercadorias impuseram a racionalidade do capital através da produção em escalas em áreas contínuas e do monocultivo, com objetivo de obter produtividade máxima do trabalho e maior rentabilidade econômica. Para isso, substituem a força de trabalho pela mecanização intensiva. E se utilizam de volumes cada vez maiores de fertilizantes químicos industriais e de agrotóxicos. (PROGRAMA AGRÁRIO DO MST, 2013, p. 7 e 8).

Este modelo de agricultura, visa transformar a agricultura em um mero negócio, onde a produção de produtos agrícolas é transformada em produção de mercadorias.

Esse modelo de produção agrícola foi massivamente adotado pelas empresas capitalistas no campo e passou a denominar-se como o modelo do agronegócio. Tornar a agricultura como um negócio para acumulação de riqueza e de renda sob o controle do grande capital. (PROGRAMA AGRÁRIO DO MST, 2013, p. 8).

O modelo do Agronegócio tem ainda como algumas características, a destruição da biodiversidade; não gera riquezas para os locais; Processo de

¹ Fruto de debates, estudos e encontros feitos até o momento, a Via Campesina Internacional e os movimentos sociais que a compõem, acumularam como entendimento que Agroecologia deve considerar todas as dimensões da vida, em que mesmo dado importância à cientificidade desta, ela é muito mais ampla. Deve ser concebida nos processos práticos de sua construção, inclusive de luta por transformação social, por isso, nessa concepção Agroecologia é um modo de vida.

despovoamento do campo; intensificação dos conflitos no campo com aumento de violência sobre as comunidades tradicionais e da agricultura familiar.

Importante característica a se destacar é a exploração desenfreada sob os recursos naturais. Na lógica do Agronegócio, a natureza está a seu serviço e seus recursos são infinitos, desse modo exerce-se sobre a natureza um processo de violência, ou seja,

A agricultura em si já é uma violência às estruturas e aos processos da natureza e seus serviços ecossistêmicos vitais para a vida superior e a produção. A agricultura atual modificou radicalmente os ecossistemas, implantando sistemas mecanicistas, não naturais... que destroem o solo, os cursos de água, o clima e o futuro da humanidade. (PRIMAVESI, 2016, p.191)

A natureza nem chega a ser considerada na sua totalidade pois, nessa visão o modelo de agricultura é algo que desconsidera a manutenção da diversidade natural. Para Primavesi isto está errado. O errado é que não se considera a natureza como um todo, um sistema em que todos os fatores dependem uns dos outros e qualquer coisa que está sendo feita influencia todo o sistema. (PRIMAVESI, 2016, p.196).

Também importante característica do agronegócio é a não produção de alimentos saudáveis. Se produz alimentos doentes, com poucos nutrientes. As pessoas que consomem estes alimentos são superalimentadas, mas são ao mesmo tempo malnutridas. Dessa forma, aumentam os casos de doenças físicas, psicológicas e violência na sociedade.

Os alimentos obtidos de plantas doentes... têm um valor nutritivo muito pequeno, podendo ser até nulo... As pessoas são superalimentadas, mas continuam, mesmo assim, malnutridas. Os seres humanos se tornam doentes de corpo e alma... Dizia-se antigamente que num corpo sadio mora uma alma sadia. Mas nossa comida mal mantém o corpo e, muito menos, a alma... Por falta de uma alimentação biologicamente completa, existem tantas doenças, como também tanta violência, ódio e crime. (PRIMAVESI, 2016, p.197 a 199)

Como enfrentamento e resistência a esse modelo do agronegócio, os movimentos sociais, principalmente do campo, têm defendido a agroecologia como proposta de modelo viável, tanto para a agricultura, como também para a sociedade como um todo.

Segundo Primavesi, “a agricultura Natural, ecológica, não é uma alternativa, mas uma exigência urgente, antes que a água doce residente termine em nosso planeta e que todas as pessoas estejam irreversivelmente degeneradas ou doentes”. (PRIMAVESI, 2016, p.199).

Esse novo modelo leva em consideração a importância da natureza, a coexistência das espécies dentro desse sistema como um todo, com uma produção de alimentos saudáveis, garantindo assim saúde e bem-estar a todas as pessoas.

A agricultura natural não vê fatores isolados, mas sempre considera o inteiro da natureza: Os sistemas naturais, os ciclos vitais e a humanidade dentro desse sistema. Ela almeja a sua recuperação e manutenção... Apenas com solos saudáveis teremos plantas saudáveis...Um alimento biologicamente integral nutre o material e o espiritual das pessoas, garantindo uma era de saúde, paz, amizade e bem-estar. (PRIMAVESI, 2016, p.199 a 201)

A defesa que os movimentos sociais fazem é que, a agroecologia deve ser considerada como parte de um projeto de sociedade, tanto para o campo como para a cidade. Com esse intuito o modelo de produção não pode apenas considerar as questões técnicas de produção, mas todas as dimensões que se relacionam e influenciam o desenvolvimento desse modelo.

Atualmente, a discussão sobre produção agrícola tem evoluído, partindo de uma abordagem puramente técnica para uma leitura mais complexa, caracterizada por dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas. (ALTIERI, 2012, p.103)

Considerando as diferentes dimensões, para construir a agroecologia é preciso levar em consideração novas práticas e formas organizativas desde o modo de produção, as relações entre os sujeitos, a preservação e respeito às culturas locais, e os processos de comercialização destes alimentos para com a sociedade em geral.

Precisamos de um paradigma de desenvolvimento agrícola alternativo que incentive formas de agricultura mais ecológicas, diversificadas, sustentáveis e socialmente justas... promovendo... a preservação dos meios de vida de pequenos agricultores, a produção de alimentos saudáveis, seguros e culturalmente diversos e a criação de circuitos locais de distribuição e comercialização. (ALTIERI, 2012, p.365, 366)

De modo geral, para ser possível a agroecologia como modelo para a sociedade, precisa se levar em conta vários elementos relacionados às dimensões já citadas anteriormente. Além do modo de produzir baseado na diversidade e com técnicas que respeitem a natureza, é preciso pensar a construção das relações entre os sujeitos do campo responsáveis por essa produção, como por exemplo, a questão de gênero, a questão do acesso da juventude ao trabalho e a renda, ao modo como estão organizados os espaços comunitários desses povos e como está o acesso à educação, à saúde, à cultura.

Pode-se dizer, que um elemento primordial que está relacionado a todas essas questões é a garantia de que a produção de alimentos deve estar sob o controle dos/as pequenos/as agricultores/as familiares. Esse modelo só é possível e viável em uma concepção de produção, a partir de pequenas propriedades sob gestão familiar e cooperada em todo o processo da produção à comercialização.

A Via Campesina há muito tempo tem argumentado que os pequenos produtores são de suma importância para que as comunidades sejam capazes de atender à crescente demanda por alimento... para proteger os meios de vida, o emprego, a segurança alimentar e a saúde das pessoas, bem como o meio ambiente, a produção de alimentos tem que permanecer nas mãos de pequenos produtores e não pode ficar sob o controle de grandes empresas do agronegócio ou redes de supermercado. . (ALTIERI, 2012, p.366)

Nesse sentido, em vários espaços de conjuntura do MST, se fala da importância das comunidades camponesas. De acordo com falas de membros da direção do movimento, é tarefa central, o resgate e/ou fortalecimento das comunidades camponesas, como espaço de construção da agroecologia. Para o movimento essas comunidades devem ser territórios de resistência ao agronegócio e também a “expressão viva e pulsante” do projeto que o movimento defende para toda a sociedade, no qual a agroecologia deve ser prática cotidiana e de relação destas comunidades.

Outro elemento importante nos movimentos sociais com relação à agroecologia é a *Soberania Alimentar*. Não é objetivo do trabalho detalhar o conceito desse termo, apenas trazer como mais um elemento que para os movimentos, além de outras questões, soberania alimentar está relacionada ao acesso e autonomia dos/as camponeses/as a produção e reprodução dos alimentos, através dos

recursos naturais e preservação das sementes, bem como acesso e autonomia aos mercados internos do país e suas diferentes formas de comercialização.

Os movimentos sociais do campo adotam o conceito de soberania alimentar como uma alternativa à abordagem neoliberal que aposta num comércio internacional injusto como forma de resolver o problema da fome mundial. Em vez disso, o conceito de soberania alimentar enfatiza o acesso dos agricultores à terra, sementes e água, focando na autonomia, nos mercados locais e circuitos locais de produção-consumo... (ALTIERI, 2012, p.366)

A partir de uma compreensão que para o desenvolvimento da agroecologia, é uma necessidade o acesso aos mercados, baseado em novas formas de comercialização, é importante abordar neste artigo, qual o tipo de economia compatível com o projeto até aqui apresentado. Importante também, entender em qual tipo de economia essas possíveis novas formas de comercialização se inserem, e que características fazem parte dessa economia.

Entendendo que o tipo de economia é importante, identifica-se que a segunda grande questão base na construção da experiência “cestas campo e cidade” está relacionada a economia solidária.

Para Singer, o capitalismo se tornou dominante a tanto tempo que tendemos a tomá-lo como normal ou natural. O que significa que a economia de mercado deve ser competitiva em todos os sentidos. (SINGER, 2002, p.7). Se entendermos que na economia de mercado uma das principais características é a competitividade, e como contraponto a esse modelo, podemos dizer que, como o nome já deixa em evidência, uma das principais características da economia solidária é a solidariedade entre todos/as envolvidos/as nesse modelo de economia.

Para que tivéssemos uma sociedade em que predominasse a igualdade entre todos os seus membros, seria preciso que a economia fosse solidária em vez de competitiva. Isso significa que os participantes na atividade econômica deveriam cooperar entre si em vez de competir... A solidariedade na economia só pode se realizar se ela for organizada igualitariamente pelos que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar. (SINGER, 2002, p.9)

Também importante característica, relacionada a economia solidária é o processo de gestão a partir da autogestão, ou seja, na economia solidária a gestão dos negócios/empreendimentos é feita de forma igualitária pelos envolvidos, de forma democrática em que todos/as participam, ou estejam representados de

membros escolhidos/as em determinado coletivo. Vale ressaltar que no processo de autogestão as decisões são tomadas de baixo para cima ou horizontalmente, ao contrário de processos de economia de mercado, base do capitalismo.

Talvez a principal diferença entre economia capitalista e solidária seja o modo como as empresas são administradas. A primeira aplica a heterogestão, ou seja, a administração hierárquica, formada por níveis sucessivos de autoridade, entre os quais as informações e consultas fluem de baixo para cima e as ordens e instruções de cima para baixo... A empresa solidária se administra democraticamente, ou seja, pratica a autogestão... As ordens e instruções devem fluir de baixo para cima e as demandas e informações de cima para baixo. (SINGER, 2002, p.16,17 e 18)

Podemos destacar como uma terceira forte característica da economia solidária, a forma de organização dos empreendimentos. Geralmente os empreendimentos ligados a economia solidária são organizados em cooperativas e associações (seja de produção, de comercialização, de consumo, de serviços etc.) as formas mais predominantes, e também em novas formas como os clubes de trocas. Essas formas de organização com base à cooperação têm aumentado e se demonstrado como possibilidades, de um lado para superação das dificuldades de inserção na economia, por outro lado como construção de uma nova forma de vida baseada em novos princípios e valores.

... multiplicaram-se as organizações... cuja atuação visa preservar o meio ambiente natural, a biodiversidade, o resgate da dignidade humana de grupos oprimidos e discriminados e a promoção e comunidades que por sua própria iniciativa e empenho melhoram suas condições de vida, renovam suas tradições culturais etc... para uma ampla faixa da população, construir uma economia solidária depende primordialmente dela mesma, de sua disposição de aprender e experimentar, de sua adesão aos princípios da solidariedade, da igualdade e da democracia e de sua disposição de seguir estes princípios na vida cotidiana etc. (SINGER, 2002, p.112)

É nesse contexto de organização de empreendimentos (cooperativas e associações) com base em processos coletivos e cooperados que se constrói a experiência “cestas campo e cidade”, a ser descrita e analisada a seguir.

3 CESTAS CAMPO E CIDADE: UM OLHAR SOBRE OS SEUS RESULTADOS

Em 2016 a cooperativa Terra Livre, que trabalha exclusivamente com produtores agroecológicos, com sede no Assentamento Contestado no município de Lapa/PR, realizava por meio do Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar – PAA, entregas de alimentos agroecológicos no CECOPAM – Centro Comunitário Pe Miguel.

Este Centro era a entidade organizadora da distribuição desses alimentos para entidades receptoras (associações de moradores, de catadores de materiais recicláveis, paróquias, entre outras). O CECOPAM tinha um grupo de pessoas voluntárias que organizavam a distribuição para as entidades, e estas pessoas como não podiam acessar estes alimentos destinados às entidades, e interessadas em consumir alimentos agroecológicos, começaram a demandar que a cooperativa Terra Livre organizasse uma forma de comercialização para que estas pudessem adquirir os alimentos.

A partir dessa demanda a cooperativa Terra Livre buscou junto à CCA – Cooperativa Central de Reforma Agrária do Paraná discutir como organizar esse processo de comercialização. Em reunião da equipe da CCA responsável pela organização e funcionamento das Cestas Campo e Cidade, menciona-se que “foram organizadas em março de 2016 reuniões com paróquias, associações de moradores, professores, entre outros públicos, para levantar a real possibilidade de organizar algum processo de comercialização de produtos agroecológicos diretamente ao consumidor em Curitiba.” A partir destas reuniões a CCA começou fazer feiras para apresentar os produtos nestes espaços. Além dos produtos da cooperativa Terra Livre (até hoje são a base das cestas) foram inseridos outros produtos, principalmente industrializados das demais cooperativas de Reforma Agrária do Paraná, filiadas à CCA.

Em abril de 2016 começa as primeiras entregas em formato de cestas, a partir de encomendas, aproximadamente 20 cestas eram entregues a cada 15 dias, juntamente as feiras nos locais ainda. Em relato de reunião da equipe fala-se que “em meados de agosto do mesmo ano, são criados grupos de WhatsApp para organização das ofertas e pedidos das cestas”.

Em janeiro de 2017 as cestas começam a ser organizadas semanalmente. Em 2018 além dos pedidos pelos grupos de WhatsApp, os consumidores já podem

fazer seus pedidos através do site www.produtosdaterrapr.com.br. As cestas são em formato “aberto”, ou seja, é disponibilizado toda semana uma lista de oferta de produtos e cada consumidor faz seu pedido de acordo com seu interesse. Atualmente as cestas são entregues em 9 pontos fixos de Curitiba nas sextas-feiras e sábados, ao fazer o seu pedido as pessoas escolhem também um ponto de retirada dentre os disponíveis.

Atualmente as Cestas Campo e Cidade contam com um público de aproximadamente 1000 pessoas que recebem toda semana a lista nos grupos. Destes a média de aquisição de cestas é de 100 cestas/ semana. A meta para próximos meses é entregar 150 cestas/semana. Essa experiência conta com uma equipe de 9 pessoas na organização das cestas, entre contribuições integrais e periódicas durante a semana para tal trabalho. Na equipe tem pessoas ligadas a CCA e ao Sinergia (empreendimento da economia solidária) em um trabalho de auto-gestão de todo processo de organização das cestas.

Os produtos das cestas são oriundos da cooperativa Terra Livre da Lapa (principalmente hortifrutis, in natura) e os produtos das demais cooperativas do Paraná, também de cooperativas de outros estados ligadas à Reforma Agrária. Além dos produtos da Reforma Agrária, as cestas hoje comercializam produtos de empreendimentos da Economia Solidária de Curitiba ligados à Rede Mandala - Rede Paranaense de Economia Solidária Campo-Cidade, tais como padarias comunitárias, entre outros. Com isso tem agregado uma considerável diversidade tanto de produtos, como de fornecedores/ parceiros na consolidação deste trabalho.

3.1 Agroecologia: Seu potencial de novas relações Campo-Cidade, pela comercialização das cestas.

Importante destacar que o fator viabilidade econômica é essencial para uma experiência de comercialização, porém, não é o foco desse trabalho. O foco aqui desenvolvido na pesquisa é analisar a experiência “cestas campo e cidade” como nova forma de comercialização, de acordo com as características de economia solidária já aqui apresentadas, e se esta experiência produz novas relações entre os sujeitos envolvidos: produtores/as, organizadores/as das cestas e consumidores/as. Pode-se dizer que o foco então, é de concepção política e social.

Também importante destacar que as análises e impressões aqui apresentadas são com base principalmente nos relatos de reuniões de equipe e percepções do autor a partir de sua experiência e temas estudados na especialização.

Se analisarmos essas possíveis novas relações do ponto de vista relação **produtor/a – produtor/a**, pode-se afirmar que as cestas contribuem para o processo de novas relações, pois é princípio da experiência que a origem dos produtos seja de coletivos/ empreendimentos com base na cooperação. Os/as produtores/as ao produzir para as cestas precisam cooperar entre si, com isso se estabelece relações de cooperação tanto no aspecto econômico da produção, como social no fortalecimento dos coletivos, que acabam por se constituírem muitas vezes também como comunidade. De acordo com elementos de anotações e relatos de reuniões com cooperativa fornecedora de produtos para as cestas, em determinados locais, **“a cooperativa é o espaço de encontro/ socialização entre os/as produtores/as”**.

Do ponto de vista da relação **produtor/a – consumidor/a** as relações são **menos visíveis**, por conta que as cooperativas da reforma agrária e agricultura familiar que fornecem produtos, estão situadas distantes de Curitiba. O que se consegue perceber de relações (ainda em menor grau) é com os fornecedores que estão mais próximos, por exemplo: fornecedores de empreendimentos de Curitiba que também participam dos grupos de pedidos, são consumidores também, e se encontram em espaços frequentados pelos/as consumidores/as. Também a cooperativa Terra Livre, por estar mais próxima de Curitiba, seus produtores/as são chamados a espaços de diálogo e encontros proporcionados pela organização das cestas, e também já ocorreu algumas visitar de consumidores/as ao assentamento contestado conhecer a cooperativa e seus produtores/as.

Sobre a relação **produtor/a – equipe das cestas** essas relações acontecem cotidianamente, tanto na organização dos pedidos das cestas, mas também em diálogos sobre o andamento da experiência. Relações são necessárias para a equipe das cestas conhecer sobre cada coletivo fornecedor, sua história, organização do trabalho e os produtos fornecidos para as cestas, além de trocas de impressões da experiência, por um lado os coletivos fornecedores contribuem com sua visão sobre as cestas, por outro lado a equipe das cestas contribuem com sua visão sobre os produtos ofertados, etc.. De acordo com anotações de reunião da equipe essa relação “também é fator de troca de conhecimentos e apoio mútuo para

consolidação deste projeto. Uma ótima relação de parceria e troca entre equipe das cestas e fornecedores/as das cestas.” A partir dessa experiência também a equipe das cestas, em algumas vezes, tem conseguido ir conhecer “de perto” algumas experiências dos coletivos fornecedores, e está na meta da equipe conhecer todos os coletivos.

Pode-se também analisar como boas relações e construção de novas relações, quando olhamos para a relação **equipe das cestas – consumidores/as**. A começar pela comunicação existente entre ambos, desde a oferta semanal, realização dos pedidos, entregas dos pedidos, etc. São relações pode-se dizer que diária entre esses dois grupos. A equipe dialoga no sentido de construir com os/as consumidores/as o entendimento que essa forma de comercialização deve ter como característica o consumo consciente. Os/as consumidores/as dialogam no sentido de avaliar a experiência quanto a seus limites, possibilidades, pontos positivos para fortalecer a experiência. Existe uma troca de saberes constante entre estes grupos com relação a temas como alimentação, agroecologia, auto-gestão, entre outros. Além dessas relações, também em conjunto equipe e consumidores/as tem sido organizados espaços de diálogos, oficinas, culturais com intuito de ser de fato espaços dessas trocas de saberes.

E por fim, a relação **consumidores/as – consumidores/as**. Nota-se que a experiência das cestas tem contribuído muito como espaço de encontro, socialização entre os/as consumidores/as. Mesmo que a maior parte do público consumidor esteja nas cestas por identificação com a proposta, inclusive ideológica, muitas pessoas não se conheciam até se encontrar em espaços organizados pelas cestas, seja nos pontos de entregas, seja em espaços extras. A partir da inserção no consumo das cestas muitas pessoas começam a criar novos vínculos entre os/as consumidores/as. As pessoas dialogam nos grupos, compartilham receitas, matérias relacionadas com o projeto das cestas... Muitos/as consumidores/as já se identificam como grupo a partir dos pontos de entregas das cestas. Com essas novas relações entre si o público consumidor vai percebendo a necessidade de reforçar/ apoiar a experiência. Nessa relação é possível perceber a autogestão acontecendo de certa forma, pois muitas vezes os consumidores ajudam a organizar novos pontos de entregas, inserir novas pessoas nos grupos e a divulgar entre si e em seus espaços as cestas. São corresponsáveis pela construção e continuidade das cestas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa e nos elementos até aqui construídos, pode-se dizer que o trabalho alcançou seus objetivos, conseguindo relatar o surgimento e organização/funcionamento da experiência da Cesta Campo e Cidade.

Ao analisar a experiência “Cesta Campo e Cidade” em Curitiba pode-se afirmar que sim, esse tipo de experiência se constitui como novas formas de comercialização de acordo com os princípios da economia solidária. Pelos elementos levantados e embasados na pesquisa bibliográfica, percebe-se que esta experiência tem fortes características que são predominantes dos processos de economia solidária conforme descrita pelo autor e por teóricos do tema. Entre elas importante destacar o processo de *Autogestão* presente desde os/as produtores/as e seus coletivos/empreendimentos, entre a equipe organizadora das cestas, até os/as consumidores/as que demonstram o compromisso com a experiência.

Outra característica importante presente é a *Solidariedade*. É muito forte e presente o sentimento e a prática da solidariedade nesse processo, entre as pessoas que fazem parte de alguma maneira desta experiência, mas também podemos dizer, sem deixar dúvidas, que existe na existência dessa experiência um forte sentido de solidariedade para com os coletivos/ empreendimentos, para com a natureza como um todo, e para com o projeto de sociedade, do qual as cestas campo e cidade fazem parte.

No início da construção desse artigo, tinha cogitado discutir “território com novas relações a partir da experiência”, porém o tempo disponível não me deixou abrir para essa abordagem. Agora com a conclusão desse trabalho, fiquei instigado a abordar em uma futura pesquisa se este tipo de experiência produz territórios de novas relações e de resistência, tentando inserir na pesquisa a visão dos produtores/as e consumidores/as, que também não consegui realizar por conta do prazo. Além disso proponho um estudo sobre a viabilidade dessa experiência como base a ser seguida em outros espaços/ territórios.

Com relação ao objetivo de verificar, se este tipo de experiência contribui para construção de novas relações, ao fazer este artigo, sou extremamente consciente ao afirmar que, essa experiência de comercialização das “Cestas Campo e Cidade” mostra com certeza que, a partir de novas relações com a natureza,

novas formas organizativas econômicas e sociais, essas novas formas de comercialização com base em uma nova economia, podem sim, constituir as bases de novas relações entre as pessoas e entre toda sociedade. Essas novas relações que afloram em experiências como essas, são o embrião da formação de novos sujeitos (homens e mulheres) para a construção de um novo projeto de sociedade, mais justa, igualitária e fraterna para todos. Uma sociedade onde a natureza e o ser humano têm a possibilidade de existência digna. Essa é a sociedade defendida como possível, pelos movimentos sociais, e que aqui percebida como já em construção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cartilha “**Programa Agrário do MST – Texto em construção para o VI Congresso Nacional**”. São Paulo: Secretaria Nacional do MST, 2013.

PRIMAVESI, Ana. **Manual do Solo Vivo: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio**. 2.ed. rev. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1.ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3. ed. rev. ampl. – São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012